

Funcionamento Diferencial dos Itens para o Inventário de Percepção de Suporte Familiar

Juliana Oliveira Gomes

*Faculdade Estácio de Sá
Juiz de Fora, MG, Brasil
Faculdade de Minas
Muriaé, MG, Brasil*

Makilim Nunes Baptista

*Universidade São Francisco
Itatiba, SP, Brasil*

RESUMO

Parte dos estudos sobre família envolve o suporte familiar, construído base do Inventário de Percepção do Suporte Familiar (IPSF). Várias pesquisas utilizando este instrumento podem ser encontradas, contudo sem resultados conclusivos sobre a diferença entre sexos no construto. Uma das formas de se verificar este viés se dá pelo funcionamento diferencial dos itens (DIF) e nesse sentido, este artigo teve como objetivo verificar se existe DIF em função do sexo para o IPSF, a partir de um banco de dados com 1322 sujeitos. Três itens apresentaram DIF favorecendo o grupo feminino e quatro, o masculino. Pelo princípio de equidade pode-se inicialmente indicar equilíbrio dos vieses, entretanto pela análise complementar de comparação das médias dos Thetas antes e após ancoragem dos itens sem DIF, foi possível identificar que, na prática, os vieses podem ter relação a aspectos externos à amostra, e não aos itens do teste, garantindo suas características psicométricas.

Palavras-chave: Funcionamento diferencial do item; Teoria da Resposta ao Item; Modelo de Rash; Suporte familiar.

ABSTRACT

Differential Item Functioning for the Perception of Family Support Inventory

Part of the researches about family involves the Family Support, the basic construct of the Perception of Family Support Inventory (IPSF). Several studies using this instrument can be found, but without conclusive results on the gender difference in the construct. One way to verify this bias is through differential item functioning (DIF) and in this regard, this article aimed to verify whether there is DIF by gender for the IPSF, based from a database with 1322 subjects. Three items showed a DIF presence favoring the female group and four favoring the male group. By the principle of equality it can initially indicate the equilibrium state of the bias, however an additional analysis of comparison of the Thetas before and after anchoring of the items without DIF, it was found that in practice, the bias may be related to external aspects of the sample and not to the test items, ensuring its psychometric characteristics.

Keywords: Differential item functioning; Item Response Theory; Rash model; Family support.

RESUMEN

Funcionamiento Diferencial de Itens en el Inventario de Percepción de Apoyo a la Familia

Parte de los estudios acerca la familia son acerca del apoyo familiar, el concepto base del Inventario de Percepción de Apoyo a la Familia (IPSF). Se puede encontrar varios estudios utilizando este instrumento, pero sin resultados concluyentes sobre la diferencia de género en el constructo. Una forma de comprobar esta tendencia es mediante el funcionamiento diferencial de los ítems (DIF) y en ese sentido, este artículo tuvo como objetivo verificar si existe el DIF por género para la IPSF, a partir de una base de datos con 1322 sujetos. Tres elementos tuvieron DIF a favor de las mujeres y cuatro a favor de los hombres. Por el principio de la igualdad se puede indicar un estado de equilibrio en la parcialidad, sin embargo, el análisis de comparación adicional de los Thetas antes y después de anclaje de los elementos sin DIF, se encontró que en la práctica, la tendencia puede estar relacionada con un aspecto exterior de la muestra y no en el ítems de la prueba, asegurando a sus características psicométricas.

Palabras clave: Funcionamiento diferencial; Teoría de la Respuesta al Ítem; Modelo de Rash; Apoyo a la familia.

INTRODUÇÃO

A família é considerada pela Organização Mundial de Saúde como a “unidade básica da organização social”, na qual se estabelecem as primeiras relações sociais e também onde são reconhecidas e aprendidas as normas sociais (*Organización Panamericana de La Salud e Organización Mundial de La Salud*, 2003). Embora possam ser encontradas diferentes conceituações para família, ora como regida pelos laços conjugais, iniciada com a união entre homem e mulher, ora relacionada à consanguinidade e parentesco e ora envolvendo a residência em comum, compreendendo um grupo de pessoas que vivem juntos, independente de parentesco, pode-se considerá-la como um sistema, no qual todas as pessoas nela inseridas exercem influências uns nos outros, formando estruturas únicas (Campos, 2004; Ferreiro e Motta, 2000; Szymanski, 2002).

Além da responsabilidade social que é dada à família, como prover alimentação, abrigo, educação e outras necessidades materiais, como descrito no Código Civil Brasileiro, faz parte da dinâmica familiar oferecer apoio e proteção, promover laços afetivos e favorecer a construção da identidade pessoal de seus membros (Szymanski, 2002). É no contexto familiar que cada indivíduo aprende as questões iniciais e primordiais para a futura convivência em sociedade, como amor, carinho, respeito, moral, ética, sociabilidade (Baptista, Baptista e Dias, 2001; Baptista e Oliveira, 2004).

A forma como tal dinâmica é regida na prática depende da possível influência de aspectos externos, provindos do meio ambiente. Assim, a dinâmica familiar exerce interferência sobre o meio da mesma forma que o meio o faz na dinâmica familiar (*Organización Panamericana de La Salud e Organización Mundial de La Salud*, 2003). Em adolescentes, por exemplo, é muito comum que problemas emocionais, abandono, falta de condições econômicas e desorganização familiar influenciem consideravelmente no rendimento escolar (Boruchovitch, 1999).

Dessa forma, é importante que sejam estudadas como se dão as possíveis interferências externas no meio familiar, como a família lida com tais influências e como elas são percebidas. O apoio recebido da família, neste caso, é denominado de suporte familiar (Seidl e Tróccoli, 2006). Trata-se de um fator importante não somente para o desenvolvimento global, como também para a qualidade do relacionamento estabelecido entre pais e filhos, estando relacionado aos fatores psicológicos, como expressão de carinho, atenção e comunicação, proximidade afetiva, permissão de autonomia, liberdade e independência, proteção e diálogo (Baptista, 2007; Baptista e Dias, 2007; Baptista

e Oliveira, 2004; Greenbergher, Chen, Tally e Dong, 2000).

O suporte familiar é delineado pela coesão, adaptabilidade e comunicação. A coesão refere-se ao vínculo entre os membros familiares e a possibilidade de se tornarem, com o tempo, indivíduos autônomos. A adaptabilidade diz respeito à capacidade de ajuste familiar a possíveis mudanças que possam acarretar em transformações na estrutura e dinâmica familiar enquanto a comunicação se refere à forma como se conseguem expressar as ideias e sentimentos e à capacidade dos membros familiares de se entenderem (Baptista, 2005; Olson e Goral, 2003).

Alguns autores ressaltam a importância em se diferenciar o suporte percebido e o oferecido, ou seja, é preciso levar em consideração que nem sempre o suporte familiar é entendido da forma como é oferecido, provavelmente porque a percepção envolve fatores pessoais únicos a cada indivíduo e que podem ser deturpados de acordo com seu estado emocional (Procidiano e Heller, 1983; Santos, 2006). Além disso, atenta-se ao fato de que os mesmos acontecimentos podem ser percebidos de forma diferente pelas várias pessoas da mesma família.

A forma como os acontecimentos são encarados durante a vida pode depender não somente da capacidade individual de responder a eles, como também da forma como a pessoa vê o apoio que recebe na família. Assim, embora o suporte possa ser adequado em uma determinada família, ele pode ser percebido como negativo por algum membro familiar, ou vice versa. Assim, faz-se necessário o estudo da percepção do suporte familiar, tido como a percepção do indivíduo do apoio recebido da família (Baptista, 2005; Baptista e Oliveira, 2004; Greenbergher et al., 2000).

Estudos mostram que de acordo com o tipo de percepção que o indivíduo tem de sua família, as influências externas e a interação pessoa-família podem agir de forma positiva ou negativa à saúde familiar, como fatores protetivos ou de risco a distúrbios mentais e problemas emocionais (Baptista, 2005; Baptista e Oliveira, 2004; Dell’Aglia e Hutz, 2004; Mota, Franco e Motta, 1999). O sentimento de pertencimento à família, o amor e segurança percebidos podem contribuir como forma de proteção ao estresse, reduzindo seus efeitos negativos e promovendo a saúde mental, além de desenvolver maior resiliência e bem-estar psicológicos (Kirk, 2003; Ramos, 2002).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a família é um dos sistemas sociais presentes em todas as sociedades e infelizmente a relação completa entre a família e a saúde tem sofrido uma lacuna de documentações, sendo encontrados mais facilmente

estudos antropológicos e sociais, em descompasso a pesquisas acadêmicas (*Organización Panamericana de La Salud* e *Organización Mundial de La Salud*, 2003). No Brasil, Baptista (2005) desenvolveu o Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF), realizando diversas pesquisas com o intuito de gerar dados de pesquisa sobre esse construto. Por esta razão, julga-se necessária a descrição das mesmas, enfocando a questão do gênero nos resultados principais.

Com o objetivo de busca de evidência de validade para o referido instrumento, Aquino (2007) aplicou-o juntamente com um instrumento de vulnerabilidade ao estresse no trabalho em 414 estudantes com idade entre 17 e 54 anos ($M=25$; $DP=6,27$), com predominância feminina correspondente a 56,8%. A partir de análises não paramétricas, verificou-se que, das três dimensões as quais o instrumento analisa, apenas a dimensão “Autonomia Familiar” apresentou diferença estatística entre os sexos, sendo que os homens apresentaram média superior que as mulheres ($U=18516,5$; $p=0,035$). Embora não tenha sido de forma estatisticamente significativa, os homens apresentaram também maior percepção de suporte familiar, de maneira geral.

Em outro estudo sobre o tema, Baptista, Noronha, Cardoso (2010) investigaram a relação entre suporte familiar e interesse profissional, sendo aplicados o IPSF e uma escala de aconselhamento profissional em 85 alunos do Ensino Médio de escolas do interior paulista e também do estado do Piauí. Os participantes tinham entre 14 e 19 anos ($M=16,54$; $DP=1,08$) e a maioria era do sexo feminino (54,1%). Por meio do teste estatístico t de Student foi possível perceber que os homens apresentaram maiores médias em todas as dimensões, tendo, entretanto, sido encontrada diferença significativa apenas na dimensão de “Adaptação Familiar”.

Foi possível observar que em ambos os estudos supracitados, os homens apresentaram maiores médias em duas dimensões do instrumento de percepção de suporte familiar (Aquino, 2007; Baptista et al., 2010). Entretanto, enquanto em alguns estudos os resultados não foram significativos (Baptista, Neves e Baptista, 2008; Baptista, Teodoro, Cunha, Santana e Carneiro, 2009; Santana, 2008) em outras pesquisas envolvendo o IPSF, as possíveis diferenças em relação ao sexo não foram contempladas ou divulgadas (Baptista, 2005; 2007; Baptista e Dias, 2007; Souza, Baptista e Alves, 2008).

Em pesquisa para desenvolvimento do instrumento em questão, participaram 356 estudantes universitários, entre 17 e 55 anos ($M=24,57$; $DP=6,36$), tendo como maioria pessoas do sexo feminino (76,6%). O estudo apresentou todos os passos de construção do instrumento, bem como sua análise fatorial inicial. Porém, não foram divulgados os resultados quanto a

possíveis diferenças do sexo em relação às pontuações da amostra (Baptista, 2005). Em estudo sobre o suporte familiar e a saúde mental, Souza et al. (2008) aplicaram o IPSF e o Questionário de Saúde Geral de Golberg (QSG) em 520 estudantes universitários, entre 17 e 54 anos ($M=25,04$; $DP=6,29$), sendo 63,3% mulheres. Foi possível concluir no estudo a existência de uma influência mútua entre suporte familiar percebido e saúde mental familiar, contudo, os autores não realizaram análises em relação a possíveis diferenças em relação ao sexo nos instrumentos, provavelmente por não fazer parte do objetivo principal dessa publicação.

Como pôde ser visto, os estudos ainda não possuem caráter conclusivo em relação às possíveis diferenças do sexo no estudo do suporte familiar (Aquino, 2007; Baptista, 2005; Baptista et al., 2010; Souza, et al., 2008). Uma das formas de estudar quais as possíveis influências do sexo em relação ao instrumento envolve o modelo de Georg Rasch, no qual se considera que a possibilidade de acerto de uma pessoa nas questões de um teste depende tanto do nível de dificuldade do item apresentado pelo instrumento quanto do nível de habilidade de quem o responde (Embreston e Reise, 2000; Rueda, 2007). Dentro do modelo de Rasch há o estudo do Funcionamento Diferencial do Item (DIF), o qual permite o estudo do viés de resposta a um item, ou seja, qual a equivalência dos itens quando aplicados em dois grupos distintos como, por exemplo, grupos de mulheres e homens. Assim, é possível verificar se os itens do teste apresentam um funcionamento diferencial (Pasquali, 1996; Sisto, 2006a; 2006b; Rueda, 2007). Dentro desta perspectiva, este estudo tem como objetivo verificar se existe funcionamento diferencial dos itens do IPSF em função do sexo.

MÉTODOS

Participantes

A amostra deste artigo, escolhida por conveniência, foi baseada em um banco de dados, composto por 1322 alunos de diferentes cursos de Bacharelado, Licenciatura e Normal Superior. Os participantes apresentaram idades entre 17 e 54 anos ($M=22,79$; $DP=5,25$) e eram predominantemente do sexo feminino (76,6%).

Instrumentos

Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF)

Trata-se de um instrumento criado com o objetivo de avaliar a forma como as pessoas percebem suas

relações familiares, no que concerne à afetividade, autonomia e adaptação entre os membros da família. Ele é composto por 42 questões, em formato *Likert* de três pontos, com pontuação mínima de zero e máxima de 84 pontos. O instrumento possui três dimensões, quais sejam Afetivo-consistente, Adaptação familiar e Autonomia familiar (Baptista, 2009).

A dimensão Afetivo-consistente é formada por 21 itens e se relaciona às relações afetivas positivas, evidenciadas por meio de demonstração de carinho, verbal ou não verbal, e da habilidade no enfrentamento de problemas. A Adaptação familiar, composta por 13 itens, refere-se à percepção dos sentimentos negativos em relação à família, como isolamento ou exclusão, raiva, vergonha, incompreensão, irritação e relações agressivas de brigas e gritos. Por fim, a dimensão Autonomia familiar, com 8 itens referentes à percepção de autonomia, vistos nas relações de confiança, liberdade e privacidade entre os membros da família (Baptista, 2009).

Em estudo de sua construção e qualidades psicométricas, foram gerados índices de confiabilidade considerados satisfatórios para cada um dos componentes, sendo 0,91 para o primeiro fator, 0,90 para o segundo fator e 0,78 para a terceira dimensão. A escala total apresentou um alfa de Cronbach de 0,94 (Baptista, 2005). Estudos com objetivo de buscar evidências de validade para a escala foram realizados, sendo encontrados diversos tipos de validade (Aquino, 2007; Rigotto, 2006; Santana, 2008; Santos, 2006; Souza et al., 2008).

RESULTADOS

A fim de se cumprir o objetivo deste trabalho, foi utilizado o programa estatístico Winsteps para realizar a análise pelo modelo de Rasch. Inicialmente, foram realizadas análises de caráter descritivo, apresentando os índices de dificuldade (*b*), os parâmetros de ajuste ao modelo dos itens e pessoas, e finalmente as medidas

de funcionamento diferencial dos itens. Inicialmente, os dados foram analisados a fim de se verificar a sua adequação ao modelo, tendo cada item do teste considerado indistintamente.

Na Tabela 1 são apresentados os parâmetros de ajuste dos itens e das pessoas ao modelo de Rasch. No que tange aos itens pôde-se perceber que média do *infit* foi de 1,01 (DP=0,24), o que se permite inferenciar que no geral a maioria foi respondida dentro do padrão, considerado 1,00. Analisando-se detalhadamente os valores dos *infits*, observou-se que a maioria se enquadrou abaixo do valor de 1,30, o que se pode considerar um bom ajuste (Rueda, 2007; Sisto, 2006a). Em relação aos desajustes, foram poucos os valores entre 1,3 e 1,5 e apenas um item se posicionou acima de 2,0.

No que se refere aos *oufits* (Tabela 1), a média foi de 1,20 (DP=1,38) o que não sugeriu uma boa adequação ao modelo, como ocorreu no *infit*, por ser um valor um pouco mais distante do padrão adotado (1,00). Foi possível perceber que, embora a maioria dos itens tenha se adequado ao modelo, apenas seis itens, no total de 42, foram considerados como desajustados, e uma vez que o *oufit* diz respeito aos casos considerados anômalos, tais dados indicam que estes itens suscitaram respostas discrepantes muito elevadas ou muito baixas ao *Theta* das pessoas.

Em relação às pessoas, observou-se que a maioria apresentou padrão esperado, próximo a 1,0 para os *infits*, mas o mesmo não ocorreu com os *oufits*, uma vez que a média do *infit* foi de 0,99 (DP=0,31) e do *oufit* 1,18 (DP=1,03). Em relação aos *infits*, 186 pessoas tiveram respostas desajustadas, a maioria no intervalo entre 1,3 e 1,5. Quanto aos *oufits*, 302 pessoas apresentaram escolhas inesperadas em relação à percepção de suporte familiar.

No que se refere ao intervalo de distribuição dos itens da escala, percebeu-se que a variação de dificuldade dos itens foi de -1,99 a 4,12, sendo que, como pode ser observado na Tabela 2, o item 39 (Eu

TABELA 1
Parâmetros de ajuste dos itens e das pessoas

Parâmetros	Itens			Pessoas		
	<i>Infit</i>	<i>Outfit</i>	Erro	<i>Infit</i>	<i>Outfit</i>	Erro
Média	1,01	1,20	0,06	0,99	1,18	0,32
DP	0,24	1,38	0,01	0,31	1,03	0,09
Máximo	2,06	9,90	0,09	3,28	9,90	0,79
Mínimo	0,70	0,66	0,04	0,23	0,10	0,24
Entre 1,3 e 1,5	3 (7,14%)	3 (7,14%)		95 (7,18%)	77 (5,82%)	
Entre 1,5 e 2,0	0 (0,00%)	2 (4,76%)		79 (5,97%)	115 (8,69%)	
Maior que 2,0	1 (2,38%)	1 (2,38%)		12 (0,90%)	110 (8,32%)	

dos itens se concentrou entre os valores -1 e 1. A partir do mapa de itens, é possível visualizar graficamente o quanto o item 39 se destaca dos demais, devido a sua distância em relação aos outros itens. Em relação às pessoas, a média de pontuação foi de 1,53 pontos (DP=1,13).

Embora possa ser observada discrepância do item 39 e uma leve distância dos itens 10 e 33, o que caracteriza aquele como mais difícil e estes como mais fáceis, isto não os tornam inadequados em relação ao modelo. O centro da escala possui uma boa distribuição de itens, apresentando diferentes níveis de dificuldade

e facilidade. Ainda, pode-se dizer que a amostra apresenta, no geral, boa percepção de suporte familiar, pois a média das pessoas foi maior que a dificuldade dos itens.

No que tange ao estudo sobre o funcionamento diferencial dos itens, os resultados são sumarizados na Tabela 3. Do total de 42 itens, sete (16,7%) indicaram a presença de DIF, segundo o critério de $t > 2,40$ (Rueda, 2007; Sisto, 2006a). Tais resultados expõem que uma proporção pequena dos itens apresentou funcionamento diferencial em razão do sexo, ou seja, poucos tenderam a favorecer um dos grupos, masculino ou feminino.

TABELA 3
Medidas de DIF por sexo, mudança e valores de t por item

Item	Sexo	DIF acrescido	Sexo	DIF acrescido	Mudança	t
1	masculino	-0,01	feminino	0,03	-0,04	-0,34
2	masculino	0,04	feminino	-0,14	0,18	1,60
3	masculino	0,01	feminino	-0,02	0,02	0,22
4	masculino	-0,03	feminino	0,10	-0,14	-1,22
5	masculino	-0,02	feminino	0,07	-0,09	-0,76
6	masculino	-0,02	feminino	0,06	-0,09	-0,62
7	masculino	0,07	feminino	-0,24	0,31	1,87
8	masculino	0,02	feminino	-0,07	0,09	0,80
9	masculino	-0,01	feminino	0,05	-0,06	-0,54
10	masculino	-0,06	feminino	0,16	-0,21	-1,13
11	masculino	-0,07	feminino	0,21	-0,27	-2,55
12	masculino	0,04	feminino	-0,14	0,18	1,31
13	masculino	-0,05	feminino	0,13	-0,18	-1,14
14	masculino	0,15	feminino	-0,58	0,73	5,05
15	masculino	-0,11	feminino	0,32	-0,43	-3,75
16	masculino	0,01	feminino	-0,03	0,03	0,28
17	masculino	-0,04	feminino	0,13	-0,18	-1,62
18	masculino	0,00	feminino	-0,02	0,02	0,18
19	masculino	0,01	feminino	-0,03	0,03	0,25
20	masculino	0,01	feminino	-0,03	0,04	0,25
21	masculino	0,09	feminino	-0,31	0,40	3,45
22	masculino	-0,01	feminino	0,02	-0,03	-0,27
23	masculino	-0,04	feminino	0,14	-0,18	-1,61
24	masculino	-0,01	feminino	0,03	-0,04	-0,35
25	masculino	-0,02	feminino	0,07	-0,09	-0,76
26	masculino	-0,01	feminino	0,04	-0,06	-0,50
27	masculino	-0,01	feminino	0,02	-0,03	-0,21
28	masculino	-0,03	feminino	0,08	-0,10	-0,86
29	masculino	0,06	feminino	-0,21	0,27	2,48
30	masculino	-0,02	feminino	0,06	-0,08	-0,69
31	masculino	-0,10	feminino	0,28	-0,39	-2,80
32	masculino	-0,03	feminino	0,09	-0,13	-0,89
33	masculino	-0,06	feminino	0,16	-0,21	-1,06
34	masculino	0,00	feminino	0,00	0,00	-0,02
35	masculino	-0,03	feminino	0,10	-0,13	-1,19
36	masculino	0,04	feminino	-0,13	0,17	1,48
37	masculino	-0,03	feminino	0,07	-0,10	-0,80
38	masculino	0,16	feminino	-0,58	0,74	5,93
39	masculino	0,04	feminino	-0,12	0,16	1,04
40	masculino	0,03	feminino	-0,09	0,12	0,80
41	masculino	0,00	feminino	-0,01	0,01	0,06
42	masculino	-0,08	feminino	0,22	-0,30	-2,38

É possível perceber que os itens 11 (Minha família discute seus medos e preocupações), 15 (As pessoas da minha família gostam de passar o tempo juntas), e 31 (Minha família sabe o que fazer quando surge uma emergência) apresentam maior probabilidade de obterem a resposta “quase sempre ou sempre” por mulheres. Por sua vez, os itens 14 (Meus familiares me deixam sair o tanto quanto quero), 21 (Eu sinto que minha família não me compreende), 29 (Em minha família as tarefas são distribuídas uniformemente) e 38 (Minha família me dá tanta liberdade quanto quero) possuem maiores chances de serem assim assinalados por homens.

Pôde-se perceber que houve um equilíbrio nos vieses para os sexos masculino e feminino, uma vez que o número de DIFs encontrados para homens e mulheres foi aproximado. Este equilíbrio observado não indica favorecimento do teste como um todo para nenhum dos grupos, situando-se de acordo com o princípio de equidade (Andriola, 2001). Por este princípio, poder-se-ia concluir que o funcionamento diferencial destes itens não interfere nas qualidades psicométricas do Inventário de Percepção de Suporte Familiar. No entanto, em caráter complementar, foi possível realizar uma análise comparativa das médias das medidas (*Theta*) em relação à presença e ausência do funcionamento diferencial.

Inicialmente, foram estimadas as características básicas amostrais, partindo do pressuposto que não houve funcionamento diferencial em nenhum dos itens, e em seguida, de cada um dos grupos envolvidos. Foi possível perceber uma média de 1,53 (DP=1,13) para o grupo total, enquanto os grupos tiveram médias iguais a 1,54 (DP=1,13) para as mulheres e 1,50 (DP=1,13) para os homens. Nota-se que as médias dos *Thetas* para os homens e mulheres são diferentes que para a amostra geral, característico da existência de funcionamento diferencial de itens.

Após esta estimativa inicial, os itens que anteriormente não foram identificados com DIF foram ancorados, de forma que todos os demais pudessem ser comparados em uma mesma escala. Assim, os valores foram novamente estimados, tanto para a amostra como um todo quanto para o grupo de homens e mulheres. Os valores das médias e desvios-padrão encontrados foram muito próximos aos obtidos nos procedimentos anteriores (Tabela 4).

Pôde ser observado que somente os homens apresentaram uma leve diferença no valor médio do *Theta*. Entretanto, nota-se que, mesmo diante de uma comparação ancorada dos itens, os valores médios do grupo masculino e feminino ainda são diferentes quando comparados ao grupo geral. Dessa forma,

pode-se concluir que os vieses de resposta encontrados para homens ou mulheres, não se relacionam diretamente ao conteúdo da prova estabelecida, no caso, do teste respondido, mas a características externas a ele, como por exemplo, à amostra utilizada no estudo.

TABELA 4
Estimativa dos *Thetas* para análise pós-DIF

	<i>Estimativas dos Thetas (Measure) antes da ancoragem</i>			
	<i>Média</i>	<i>DP</i>	<i>Máximo</i>	<i>Mínimo</i>
Geral	1,53	1,13	4,53	-2,41
Mulheres	1,54	1,13	4,54	-2,29
Homens	1,50	1,13	4,52	-2,42
	<i>Estimativas dos Thetas (Measure) após ancoragem</i>			
Geral	1,53	1,13	4,52	-2,41
Mulheres	1,54	1,13	4,53	-2,28
Homens	1,48	1,13	4,53	-2,45

DISCUSSÃO

Por ser considerada como a unidade básica da organização social a partir da qual são estabelecidas as primeiras relações sociais (*Organización Panamericana de La Salud e Organización Mundial de La Salud*, 2003) a família representa uma instituição importante a ser estudada. Além da responsabilidade social inerente à instituição, como prover abrigo, alimentação, educação e outras necessidades materiais, cabe aos membros familiares oferecer apoio e proteção às diversidades externas, por meio de laços afetivos, o que auxilia positivamente na construção da identidade pessoal (Szymanski, 2002).

Dada a importância em se estudar o contexto familiar, ressalta-se a necessidade de se investigar possíveis interferências externas e internas no meio familiar e como a estrutura familiar é percebida. Quando se diz do apoio que se recebe da família, fala-se em suporte familiar (Baptista, 2005; Seidl e Tróccoli, 2006). Tal conceito apresenta-se diretamente ligado ao desenvolvimento global do sujeito e à qualidade do relacionamento entre os membros, estando intimamente relacionado a fatores psicológicos como expressão de carinho, atenção e comunicação, proximidade afetiva, permissão de autonomia, liberdade e independência, proteção e diálogo (Baptista, 2005; 2007; Baptista e Dias, 2007; Baptista e Oliveira, 2004; Greenbergher et al., 2000).

Por ser um sistema social presente em todas as sociedades e tendo em vista a importância em se estudá-la, foi desenvolvido um instrumento de percepção do suporte familiar por Baptista (2005; 2010). Tal

instrumento, o Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF), cujo objetivo é avaliar a forma como as pessoas percebem suas relações familiares, no que diz respeito à afetividade, adaptação e autonomia, possui diversos estudos publicados no sentido de busca por evidência de validade ou estudos de suas qualidades psicométricas (Aquino, 2007; Baptista, 2005; 2007; Baptista e Dias, 2007; Baptista et al., 2009) além de outros estudos relacionais (Baptista et al., 2008; Baptista e Oliveira, 2004; Baptista et al., 2001; Baptista et al., 2010).

Entretanto, tais pesquisas envolvendo diretamente o inventário em questão apresentaram informações controversas em relação às possíveis diferenças entre as pontuações de homens e mulheres. Enquanto alguns estudos mostraram que os homens apresentaram maiores escores nas dimensões Autonomia e Adaptação familiar (Aquino, 2007; Baptista et al., 2010), em outros estudos não foram encontradas diferenças significativas (Baptista et al., 2008; Baptista et al., 2009; Santana, 2008). Por fim, há ainda um terceiro grupo de pesquisas, as quais não contemplaram tais possíveis diferenças em suas análises (Baptista, 2005; 2007; Baptista e Dias, 2007; Souza et al., 2008).

A fim de suprir tal lacuna frente ao instrumento, este trabalho teve como objetivo verificar se existe funcionamento diferencial dos itens do IPSF em função do sexo. Isso quer dizer que, por meio do modelo de Rasch, é possível verificar se os itens do instrumento possuem equivalência quando aplicados em dois grupos distintos, ou seja, se os itens apresentam funcionamento diferencial para um grupo ou outro (Pasquali, 1996; Sisto, 2006a; 2006b; Rueda, 2007).

No que concerne aos parâmetros de ajuste dos itens e das pessoas ao modelo, percebeu-se que, no que tange aos itens, a maioria foi respondida dentro de um padrão, embora os valores médios dos *oufits* não tenham sugerido boa adequação. No que se concerne às pessoas, a maioria apresentou padrão adequado para os *infits*, não tendo sido observado o mesmo para os *oufits*. Uma vez que os *oufits* referem-se ao que se pode incluir na categoria de desajustes (Rueda, 2007; Sisto, 2006a; 2006b), pode-se dizer que, tanto no que se refere aos itens quanto às pessoas, houve respostas acima ou abaixo do padrão esperado. O estudo sobre o funcionamento diferencial dos itens indicou a presença de DIF em sete itens, sendo que três perguntas apresentaram maiores possibilidades de serem respondidas como “quase sempre ou sempre” por mulheres, enquanto quatro itens favoreceram o grupo de homens a assinalar tal opção de resposta no instrumento.

Duas observações podem ser feitas neste ponto. Primeiramente, os três itens favorecidos pelas mulheres no IPSF fazem parte do fator Afetivo-Consistente, o qual envolve aspectos referentes à afetividade dos membros familiares, por meio de expressão de interesse, simpatia, acolhimento, consistência de comportamentos e habilidades na resolução de problemas. Talvez a maior frequência de resposta por mulheres nesses itens possa ser explicada devido ao seu conteúdo afetivo e a maior abertura, inclusive cultural, à demonstração e discriminação das emoções por parte deste grupo. No que concerne aos itens enviesados para o grupo masculino, um item se refere à dimensão Afetivo-consistente, um à Adaptação familiar e dois ao fator Autonomia, sendo as duas últimas, as dimensões em que os homens apresentaram significativamente maiores médias nos estudos apresentados (Aquino, 2007; Baptista, Noronha e Cardoso, 2010). Tais resultados ligados ao grupo masculino também podem ser explicados por uma característica cultural, uma vez que aos meninos é esperada maior autonomia, de forma geral, desde a infância (França, 1999).

Mesmo tendo sido observado funcionamento diferencial do item para alguns itens, foram poucos os que tenderam a favorecer um dos grupos, masculino ou feminino, em comparação com o número total de itens. Além disso, uma vez que o número de itens com funcionamento diferencial tenha sido aproximado, pode-se concluir inicialmente, pelo princípio de equidade, que houve um equilíbrio entre os dois grupos no que diz respeito aos vieses.

Complementarmente, diante da comparação dos valores das médias dos valores de *Theta*, assumindo ausência e presença de DIF para o instrumento, pode-se concluir que embora tenham sido encontrados itens com funcionamento diferencial, na prática os vieses de resposta podem ter relação com aspectos externos, não relacionados com os itens do teste em si, mas com a amostra estudada. Tais resultados garantem as características psicométricas do instrumento e permite assumir que não há necessidade de se exigir normas específicas para homens e mulheres, mesmo assim, o manual apresenta tal informação.

Espera-se que o presente estudo possa contribuir para os estudos das qualidades psicométricas do Inventário de Percepção de Suporte Familiar, inserindo análises baseadas na Teoria da Resposta ao Item. Diante das limitações que o presente estudo possa ter apresentado, como a utilização de uma amostra homogênea, composta por universitários, pode-se sugerir que sejam realizadas novas pesquisas com amostras mais heterogêneas, que possam favorecer a busca por índices psicométricos importantes para os instrumentos psicológicos.

REFERÊNCIAS

- Andriola, W. B. (2001). Descrição dos principais métodos para detectar o funcionamento diferencial dos itens (DIF). *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(3), 643-652.
- Aquino, R. R. (2007). *Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF) e Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho (EVENT): Evidência de Validade*. Dissertação de Mestrado, Universidade São Francisco.
- Baptista, A. S. D., Neves, S. T. V. & Baptista, M. N. (2008). Relação entre suporte familiar, saúde mental e crenças irracionais em idosos religiosos. *PEPSIC – Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 9(2), 155-164.
- Baptista, M. N. & Oliveira, A. A. (2004). Sintomatologia de depressão e suporte familiar em adolescentes: um estudo de correlação. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 14(3), 58-67.
- Baptista, M. N. (2005). Desenvolvimento do Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF): estudos psicométricos preliminares. *Psico-USF*, 10(1), 11-19.
- Baptista, M. N. (2010). *Inventário de Percepção de Suporte Familiar* (Manual). São Paulo: Vetor Editora.
- Baptista, M. N. (2007). Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF): estudo componencial em duas configurações. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 27(3), 496-509.
- Baptista, M. N. & Dias, R. R. (2007). Fidedignidade do Inventário de Percepção de Suporte Familiar – IPSF. *Avaliação Psicológica*, 6(1), 33-37.
- Baptista, M. N., Baptista, A. S. D. & Dias, R. R. (2001). Estrutura e Suporte Familiar como Fator de Risco na Depressão de Adolescentes. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 21, 52-61.
- Baptista, M. N., Noronha, A. P. P. & Cardoso, H. F. (2010). Relações entre suporte familiar e interesses profissionais. *Revista Salud & Sociedad*, 1(1), 28-40.
- Baptista, M. N., Teodoro, M. L. M., Cunha, R. V., Santana, P. R. & Carneiro, A. M. (2009). Evidência de Validade entre o Inventário de Percepção de Suporte Familiar – IPSF e Familiograma – FG. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(3), 466-473.
- Boruchovitch, E. (1999). Estratégias de aprendizagem e desempenho escolar: considerações para a prática educacional. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 12(2), 361-376.
- Campos, E. P. (2004). Suporte Social e Família. In J. Mello Filho. *Doença e Família*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Castro, R., Campero, L. & Hernández, B. (1997). La investigación sobre apoyo social en salud: situación actual y nuevos desafíos. *Revista de Saúde Pública*, 31(4), 425-435.
- Dell’Aglío, D. D. & Hutz, C. S. (2004). Depressão e desempenho escolar em adolescentes institucionalizados. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 341-350.
- Embreston, S. E. & Reise, S. P. (2000). *Item Response Theory for Psychologists*. Lawrence Erlbaum Associates, Mahwah, New Jersey.
- Ferreiro, C. & Motta, V. A. (2000). *A construção da interdisciplinaridade psicojurídica no contexto das separações judiciais*. São Paulo: PUC.
- França, S. A. M. (1999) Autoridade e autonomia: fundamentos do mundo dos homens. In Julio G. Aquino. *Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e prática*. São Paulo: Summus.
- Greenbergher, E., Chen, C., Tally, S. R. & Dong, Q. (2000). Family peer and individual correlates of depressive sympthomatology among US and Chinese adolescents. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 68, 209-219.
- Kirk, R. H. (2003). Family Support: the roles of Early Years’ Centres. *Chindren & Society*, 17, 85-99.
- Mota, E. L. A., Franco, A. L. S. & Motta, M. C. (1999). Migração, estresse e fatores psicossociais na determinação da saúde da criança. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 12(1), 119-132.
- Olson, D. H. & Gorall, D. M. (2003). Circumplex model of marital and family systems. In F. Walsh. *Normal Family Processes* (3rd ed.) (pp. 514-547). [Online]. New York: Guilford.
- Organización Panamericana de La Salud; Organización Mundial de La Salud. (2003). *La Familia Y La Salud*. 37^a Sesión del Subcomité de Planificación y Programación del Comité Ejecutivo. Washington, D. C.
- Pasquali, L. (1996). *Teoria e métodos de medida em ciências do comportamento*. Brasília: Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida, UBB.
- Procidano, M. E. & Heller, K. (1983). Measures of perceived Social support from friends and from family: Three Validation Studies. *American Journal of Community Psychology*. 11(1), 1-23.
- Ramos, M. P. (2002). Apoio social e saúde entre idosos. *Sociologias*, 7, 11-20.
- Riggotto, D. M. (2006). *Evidências de Validade entre suporte familiar, suporte social e autoconceito*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Itatiba.
- Rueda, F. J. M. (2007). O funcionamento diferencial do item no teste pictórico de memória. *Revista Avaliação Psicológica*, 6(2), 229-237.
- Santana, P. R. (2008). *Suporte Familiar, Estilos Parentais e Sintomatologia Depressiva: Um Estudo Correlacional*. Dissertação de Mestrado, Universidade São Francisco.
- Santos, T. M. M. (2006). *Evidência de Validade entre Percepção de Suporte Familiar e Traços de Personalidade*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco.
- Seidl, E. M. F. & Tróccoli, B. T. (2006). Desenvolvimento de Escala para Avaliação do Suporte Social em HIV/AIDS. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(3), 317-326.
- Sisto, F. F. (2006a). Estudo do funcionamento diferencial de itens para avaliar o reconhecimento de palavras. *Revista Avaliação Psicológica*, 5(1), 01-10.
- Sisto, F. F. (2006b). O funcionamento diferencial do item. *Psico-USF*, 11(1), 35-43.
- Souza, M. S., Baptista, M. N. & Alves, G. A. S. (2008). Suporte familiar e saúde mental: evidência de validade baseada na relação entre variáveis. *Alethéia*, 28, 45-49.
- Szymanski, H. (2002). Teorias e “teorias” de família. In M. C. B. Carvalho (org). *A Família Contemporânea em Debate* (4^a ed). São Paulo: Editora Cortez.

Recebido em: 19.04.2012. Aceito em: 24.05.2013.

Autores:

Juliana Oliveira Gomes – Psicóloga. Doutora em Psicologia pela Universidade São Francisco, Itatiba, SP. Docente dos cursos de Psicologia da Faculdade Estácio de Sá (FESJF) e Faculdade de Minas (FAMINAS), Minas Gerais. Trabalho realizado com o apoio da CAPES.
Makilim Nunes Baptista – Psicólogo. Doutor pelo Depto de Psiquiatria e Psicologia Médica da Escola Paulista de Medicina. Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São Francisco, Itatiba, São Paulo. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Endereço para correspondência:

Juliana Oliveira Gomes
Universidade São Francisco - Itatiba
Diretoria Acadêmica de Pós-Graduação
Rua Alexandre Rodrigues Barbosa, 45 – Centro
13251-900, Itatiba, SP, Brasil
Telefone: (011) 4534-8040.
E-mail: juogomes-usf@yahoo.com.br